

BONS
DIAS

MACHADO DE ASSIS

BONS
DIAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Machado de Assis

Diagramação
Linea Editora

Editora
Michele de Souza Barbosa

Design de capa
Ciranda Cultural

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Imagens
alaver/shutterstock.com;
Vecton/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
Accent/shutterstock.com

Produção editorial
Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A848r Assis, Machado de

Bons dias / Machado de Assis. - Jandira, SP : Principis, 2021.
96 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura).

ISBN: 978-65-5552-631-8

1. Literatura brasileira. 2. Sociedade. 3. Política. 4. Abolição.
5. Crônicas. I. Título.

2021-0123

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)-34

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

1888	7
5 de abril	9
4 de maio	12
11 de maio	15
19 de maio	18
1º de junho	21
16 de junho.....	24
19 de junho.....	27
26 de junho.....	30
19 de julho.....	33
29 de julho.....	36
16 de setembro.....	38
28 de outubro	41
10 de novembro	44
18 de novembro	47
27 de dezembro.....	50
1889	53
13 de janeiro.....	55
21 de janeiro.....	58
13 de fevereiro.....	61

16 de fevereiro.....	64
27 de fevereiro.....	67
7 de março.....	70
19 de março.....	73
22 de março.....	76
30 de março.....	79
20 de abril.....	82
7 de junho.....	85
13 de agosto.....	88
22 de agosto.....	91
29 de agosto.....	94

1888



5 DE ABRIL

BONS DIAS!

Hão de reconhecer que sou bem-criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem!

Feito esse cumprimento, que não é do estilo, mas é honesto, declaro que não apresento programa. Depois de um recente discurso proferido no Beethoven, acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer; o melhor é fazer calado. Nisto pareço-me com o príncipe (sempre é bom parecer-se a gente com príncipes, em alguma coisa, dá certa dignidade, e faz lembrar um sujeito muito alto e loiro parecidíssimo com o imperador, que há cerca de trinta anos ia a todas as festas da Capela Imperial, *pour étonner de bourgeois*; os fiéis levavam a olhar para um e para outro, e a

compará-los, admirados, e ele teso, grave, movendo a cabeça à maneira de Sua Majestade. São gostos.) de Bismark. O príncipe de Bismark tem feito tudo sem programa público; a única orelha que o ouviu foi a do finado imperador – e talvez só a direita, com ordem de o não repetir à esquerda. O parlamento e o país viram só o resto.

Deus fez programa, é verdade (“E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida”, etc. *Gênesis*, I, 26), mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz. Sem aquele texto, nunca o homem atribuiria ao Criador nem a sua gaforinha, nem a sua fraude. É certo que a fraude, e, a rigor, a gaforinha são obras do diabo, segundo as melhores interpretações; mas não é menos certo que essa opinião é só dos homens bons; os maus creem-se filhos do céu – tudo por causa do versículo da Escritura.

Portanto, bico calado. No mais é o que se está vendo; cá virei uma vez por semana com o meu chapéu na mão, e os *bons dias* na boca. Se lhes disser desde já que não tenho papas na língua, não me tomem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não, senhor, não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, engolia-as e estava acabado. Mas aqui está o que é, eu sou um pobre relojoeiro, que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem iguaizinhos, sem discrepância: desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro.

Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapalaria Aristocrata): era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?

Foi por essas e outras que descri do ofício; e, na alternativa de ir à fava ou ser escritor, preferi o segundo alvitre; é mais fácil e vexa menos. Aqui me

BONS DIAS

terão, portanto, com certeza até à chegada do Bendegó, mas provavelmente até à escolha do senhor Guai, e talvez mais tarde. Não digo mais nada para os não aborrecer, e porque já me chamaram para o almoço.

Talvez o que aí fica saia muito curtinho depois de impresso. Como eu não tenho hábito de periódicos, não posso calcular entre a letra de mão e a letra de fôrma. Se aqui estivesse o meu amigo Fulano (não ponho o nome, para que cada um tome para si esta lembrança delicada), diria logo que ele só pode calcular com letras de câmbio – trocadilho que fede como o diabo. Já falei três vezes no diabo em tão poucas linhas, e mais esta, quatro; é demais.

BOAS NOITES.



4 DE MAIO

BONS DIAS!

... Desculpem se lhes não tiro o chapéu: estou muito constipado. Vejam; mal posso respirar. Passo as noites de boca aberta. Creio até que estou abatido e magro. Não? Estou: olhem como fungo. E não é de autoridade, note-se; *ex auctoritate qua fungor*, não, senhor; fungo sem a menor sombra de poder, fungo à toa...

Entretanto, se alguma vez precisei estar em perfeita saúde, é agora, por várias razões. Citarei duas:

A primeira é a abertura das câmaras. Realmente, deve ser solene. O discurso da princesa, o anúncio da lei de abolição, as outras reformas, se as há, tudo excita curiosidade geral, e naturalmente pede uma saúde de ferro. O meu plano era simples; metia-me na casaca. E ia para o Senado arranjar um lugar, donde visse a cerimônia, deputações, recepção, discurso. Infelizmente, não posso; o médico não quer, diz-me que, por esses tempos úmidos, é arriscado sair de casa; fico.

A segunda razão da saúde que eu desejava ter agora prende com a primeira. Já o leitor adivinhou o que é. Não se pode conversar nada assim, mais

BONS DIAS

encobertamente, que ele não perceba logo e não descubra. É isso mesmo; é a política do Ceará. Era outro plano meu; entrava pelo Senado, e ia ter com o senador cearense Castro Carreira, e dizia-lhe mais ou menos isto:

– Saberá Vossa Excelência que eu não entendo patavina dos partidos do Ceará.

– Com efeito...

– Eles são dois, mas quatro; ou, mais acertadamente, são quatro, mas dois.

– Dois em quatro.

– Quatro em dois.

– Dois, quatro.

– Quatro, dois.

– Quatro.

– Dois.

– Dois.

– Quatro.

– Justamente.

– Não é?

– Claríssimo.

Dadas estas explicações, pediria ao senhor doutor Castro Carreira que me desse algumas notícias mais individuais dos grupos Aquirás e Ibiapaba... Sua Excelência, com fastio.

– Notícias individuais? Homem, eu não sei política individualista; eu só vejo os princípios.

– Bem, os princípios. Sabe que o grupo Aquirás, com um troço liberal, tomaram conta da mesa: mas o grupo Ibiapaba acudiu com outro troço liberal, e puseram água na fervura. Quais são os princípios?

– Os primeiros de todos devem ser os da boa educação, sem os quais não há boa política. Dai-me boa educação, e eu vos darei boa política, diria o Barão Louis. São os primeiros de todos os princípios.

– Os segundos...

– Os segundos são os comuns, ou que o devem ser a todos os partidários, quaisquer que sejam as denominações particulares; refiro-me ao bem da província. É o terreno em que todos se podem conciliar.

– De acordo; mas o que é que os separa?

– Os princípios.

– Que princípios?

– Não há outros; os princípios.

– Mas Aquirás é um título, não é um princípio; Ibiapaba também é um título.

– Há entre o céu e a terra mais acumulações do que sonha a vossa vã filosofia...

– Pode ser, mas isto ainda não me explica a razão desta mistura ou troca de grupos, parecendo melhor que se fundissem de uma vez com os antigos adversários. Não lhe parece?

– O que me parece é que a princesa vem chegando.

Corríamos à janela; víamos que não, continuávamos o diálogo, a *entrevista*, à maneira americana, para trazer os meus leitores informados das coisas e pessoas. O meu interlocutor, vendo que não era a promessa, olhava para mim, esperando. Pouco ou nenhum interesse no olhar; mas é ditado velho que quem vê cara não vê corações. Certo fastio crescente. Princípio de desconfiança de que eu sou mandado pelo diabo. Gesto vago de cruces...

– Há os Rodrigues, os Paulas, os Aquirases, os Ibiapas; há os...

– Agora creio que é a princesa. Estas trombetas... É ela mesma, adeus, sou da deputação... Apareça aqui pelo Senado... No Senado, não há dúvidas...

Mas eu pegava-lhe na mão, e não vinha embora sem alguns esclarecimentos. Tudo perdido, por causa de uma coriza dos diabos. Agora ou nunca... chegaríamos a entender aqueles grupos; e perde-se esta ocasião única por tua causa, infame catarro, monco pérfido!... Tuah! Vou meter-me na cama.



11 DE MAIO

BONS DIAS!

Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho aberto, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu, em suma), e o resto da população.

Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvoroço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa, mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação e, depois, uma opinião. Creio que fiz um verso.

Eu, pela minha parte, não tinha parecer. Não era por indiferença: é que me custava a achar uma opinião. Alguém me disse que isto vinha de que certas pessoas tinham duas e três, e que naturalmente esta injusta acumulação trazia a miséria de muitos, pelo que era preciso fazer uma grande revolução econômica, etc. Compreendi que era um socialista que me falava, e mandei-o à fava. Foi outro verso, mas vi-me livre de um amador. Quantas vezes me não acontece o contrário!